



Não há razão para alarme. E não há ruturas

Fábricas a produzir normalmente, transporte de produtos assegurado, lojas reabastecidas: **os alimentos vão estar disponíveis**, garantem Governo e associações de distribuidores e produtores

Texto **MARGARIDA CARDOSO**
e **PEDRO LIMA**
Foto **PEDRO NUNES**

Conservas e enlatados, frescos, arroz, massa, farinha, açúcar, leite, água... e papel higiénico. Estes produtos estiveram esta semana na mira dos clientes dos super e hipermercados, numa corrida às compras que em alguns casos deixou vazias prateleiras nas maiores cidades portuguesas. O movimento, impulsionado pelos receios em torno da pandemia de Covid-19, começou a sentir-se na terça à noite e intensificou-se na quarta-feira, com engarrafamento nos corredores dos produtos mais procurados, carrinhos de compras lotados, filas junto às caixas de pagamento. Na quinta-feira ao fim do dia, a escassez de alguns produtos era evidente. No Pingo Doce de Paço d'Arcos duas mulheres olhavam incrédulas para o espaço onde deveria estar o papel higiénico: "Nem uma embalagem", comentavam. "Parece que vai acabar o mundo", desabafava uma jovem no momento em que entrava na Mercadona de Matosinhos e enfrentava prateleiras totalmente vazias nos corredores dos frescos.

O Governo tinha acabado de apelar à calma, pela voz do secretário de Estado do Comércio, Serviços e Defesa do Consumidor, João Torres, garantindo não haver risco de rutura de stocks nem de racionamento de produtos. "Não há razões para aquilo que se designa corrida aos supermercados", disse o governante no final de uma reunião de um grupo de trabalho entre o Governo, entidades públicas e associações dos sectores agroalimentar, retalho, distribuição e logística.

Procura anormal, mas sem ruturas

Na quarta-feira, os responsáveis da área da distribuição e da produção já tinham apelado à calma e rejeitado ruturas nas lojas. O diretor-geral da Associação Portuguesa das Empresas de Distribuição (APED), Gonçalo Lobo Xavier,

assegurava o normal funcionamento do sector da distribuição: "Este maior afluxo tem levado a que as operações logísticas tenham de ser mais rápidas, o que nem sempre é possível", explicava. "As fábricas continuam a produzir os produtos, os transportes não vão parar, nem a logística. Há produtos em stock, muitos são de produção nacional."

Pedro Pimentel, diretor-geral da Centromarca — Associação Portuguesa de Empresas de Produtos de Marca, recomenda: "É fundamental que os consumidores não sintam sensação de escassez e é preciso que sejam racionais nas compras para não andarmos, daqui a uns anos, a consumir coisas que acabaram sem qualquer necessidade."

A regra é manter hábitos de consumo e "tudo continuará a correr normalmente, até porque desta vez o quadro não tem qualquer relação com o que se passou com a greve dos motoristas de matérias perigosas e há todas as condições para os produtos chegarem diariamente às prateleiras", acrescenta.

A comparação com o que se passou em 2019, na crise dos combustíveis, mostra que estamos perante situações completamente diferentes, defende. Em 2019, as bombas de gasolina estavam sem combustível, o transporte dos produtos estava bloqueado e as lojas corriam o risco de ficar vazias. Agora, na crise da Covid-19, as unidades produtivas estão a laborar, o transporte de produtos é contínuo, as lojas são reabastecidas, os produtos vão estar disponíveis, sublinha.

E o Expresso confirmou que as reposições são reais. Quinta-feira às 19h30, nos supermercados de Matosinhos Sul havia buracos na prateleiras, mas às 9h de sexta-feira era visível a azáfama nas reposições. Pelas 10h de sexta-feira, a reposição de conservas no Auchan de Cascais corria a todo o vapor. Os funcionários confessam "exaustão" no arranque da jornada, mas as vitrinas refrigeradas estão novamente cheias de carne, conservas, cereais, polpa de tomate, bolachas, batatas reaparecem.

Assim, antes de correr ao supermercado e meter alguma coisa no carrinho,



O aumento brusco da procura esvaziou prateleiras, nomeadamente nas conservas

"será bom pensar primeiro se realmente precisa do produto", alerta Pedro Pimentel. "Somos os mesmos consumidores de sempre, com as necessidades de consumo de sempre e tudo sempre correu bem", reforça. António Rousseau, especialista em marketing de distribuição e professor do IPAM — Instituto Português de Administração de Marketing acrescenta: "As marcas trabalham cadeias de reaprovisionamento inteligentes que reportam automaticamente produtos em falta. Se vai haver buracos é porque estamos a trabalhar com um quadro de consumo diferente do habitual, ainda desconhecido das superfícies comerciais, habituadas a uma reposição diária nas lojas. O ajuste envolve alterações da cadeia logística", explica.

Repor para tranquilizar

A resposta a dar, do lado da distribuição, passa, agora, por ter stocks adicionais nos supermercados de forma a facilitar reposições e os fornecedores já estão a receber indicações nesse sentido. É fundamental as prateleiras estarem cheias para as pessoas não sentirem o impulso de comprar um artigo sem necessidade. A explicação é simples: se um consumidor vir uma prateleira com três ou quatro artigos, tem tendência a achar que vai faltar e pega neles sem precisar, mas se a prateleira estiver cheia, passa ao lado de forma despreocupada.

Do lado dos produtores agrícolas há também a garantia de que não haverá problemas de produção e abastecimento, sobretudo de frescos como frutas, legumes, leite, carne e ovos. O presiden-

O que é essencial ter em casa... sem alarmismos

O Governo, os distribuidores e fornecedores garantem que não há situações de rutura de alimentos. A associação de defesa do consumidor Deco dá alguns conselhos para preparar a despensa de forma a enfrentar situações em que uma pessoa tem de ficar em casa, sem alarmismo

- Prepare a lista de compras tendo em conta a composição da família e o que tem na despensa
- Faça uma revisão dos prazos de validade dos seus alimentos
- Nas compras, aposte em produtos com uma duração mais alargada, para evitar o desperdício de alimentos
- Se comprar produtos frescos como verduras e fruta, deve consumi-los em primeiro lugar, para não se estragarem. Pode ainda comprar carne, peixe e legumes, para congelar
- Ter alternativas em conserva é uma boa ideia, como leguminosas, peixe, legumes ou salsichas. Ovos também podem ser uma solução, assim como refeições prontas a comer, como pizzas

te da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) fala de "um esforço com as cadeias das áreas da distribuição para que não haja quebra de abastecimento de produtos".

No caso de encomendas feitas para casa através da internet, a procura também significa atrasos nos prazos, mas isso "não é preocupante", garantem Governo e distribuição. Com a quota das vendas online no sector em 1%, a estrutura de resposta existente é limitada e os clientes que vão às lojas físicas veem cada vez mais ao seu lado funcionários a encherem carrinhos para entregas ao domicílio, mas também aqui tudo continua a rolar, apesar dos prazos de entrega de 24 horas "poderem, agora, demorar mais algum tempo", diz Gonçalo Lobo Xavier.

Surpreendente, ou talvez não, é a proliferação de promoções nas diferentes insignias, mesmo em produtos que estão a bater records de procura. Os cartazes com anúncios de desconto multiplicam-se e coincidem, muitas vezes, com os buracos nas prateleiras, até no vinho. Numa superfície comercial visitada na quinta-feira, ao fim do dia, a arca frigorífica do frango estava vazia, mas tinham ficado os anúncios de descontos entre os 14% e o 31%. Numa outra, havia uma marca de azeite com uma redução de 65% e até o atum tem descontos até 35%. Faz sentido? Pedro Pimentel admite que "é no mínimo estranho criar incentivos ao consumo num momento destes". António Rousseau refere que "cada cadeia tem as suas estratégias promocionais e estamos a falar de ações planeadas que não se alteram facilmente".

mcardoso@expresso.imprensa.pt